







*Aos meus pais
À Ia, Bia e Tí
Aos sonhadores que se foram, estão e virão
Aos sonhos que vivi
Aos que ainda viverei*



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Departamento de Desenho - Artes Visuais
Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Gráficas
Orientação por Vlad Poenaru

Fernanda Fernandes
Belo Horizonte, 2016



Imagens Narrativas

Vux Tarly: Espetáculos de uma imagem



Agradecimentos

Nada desse trabalho não teria sido realizado sem o total apoio de meus pais, Neusa e Amarildo. Físico, moral, mental e financeiro. Por me apoiarem mesmo que eu estivesse em dúvida de tudo que queria com tanta paciência. Minha família, Borges e Coelho, em especial Fabiana.

Minha irmã pela sinceridade destemida que poucos próximos de mim oferecem, meus mestres Vlad Poenaru, Marcelo Drummond, Eugenio Paccelli, Conceição Bicalho, Amir Brito e Fabrício Fernandino. Nunca pouparam palavras para descrever o que eu não via e que precisava ser melhorado. Me fizeram crescer de várias formas.

Aos meus colegas de turma, os mais maravilhosos que tive em toda minha vida acadêmica, principalmente Tâmara (que vê mais em mim do que eu jamais vou ver), Marianna (a dedicação em pessoal, disposta não importa a situação com um ombro amigo) e Ingrid (a salvação de tantos momentos que levariam páginas para serem todos citados). Não só ajudaram na produção deste trabalho, como eu todos esses anos nessa escola.

Às dores, às crises, aos episódios de depressão, aos bons e maus momentos, aos doces, aos cochilos, aos risos de estranhos, às brincadeiras infantis, aos meus amigos de longe, ao acaso e à certeza.

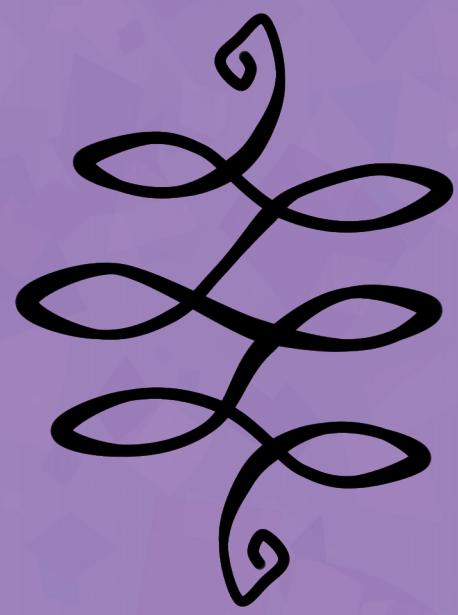
Meu sincero e certamente insuficiente obrigada.

Fernanda



Sumário

Prólogo - Introdução.....	11
Ato 1 - A Proposta.....	17
Ato 2 - A Fuga da Realidade.....	21
Ato 3 - A Literatura e a Fantasia.....	23
Ato 4 - O Poder dos Detalhes.....	27
Ato 5 - O Vux Tarly.....	31
Ato Final - Conclusão.....	33



Introdução

Respeitável leitor, eis que tenho o prazer de apresentar uma obra finalizando uma parte da vida acadêmica de uma aspirante à capista e profissional como sonhadora. Eu, a Fundadora, a Criadora, a Apresentadora! Acomode-se, certifique-se de que está bem servido, preste atenção. É preciso muita observação para entender as entrelínhas deste espetáculo.

Falando do direcionamento do meu trabalho, uma pergunta frequente quando cito o circo é “de onde veio esse desejo pelo circo?” ou “qual sua história com ele?”.

- 11 Em primeiro momento, devo afirmar para qualquer um que olhar que minhas primeiras experiências com o circo, que compreende boa parte da minha infância, resultaram em um gosto amargo na boca.

Eu não gostava de circos. Imagino que para a maioria das crianças ver demonstrações de habilidades incríveis no centro de um lugar colorido é incrível. Não só crianças, para todas as idades. Ver as coisas que o ser humano é capaz de fazer com o corpo, sozinho, em duplas, em grupos. Mas... e daí?

Uma vez recebi uma orientação bem simples e direta de um professor a quem eu já havia mostrado que sabia fazer pintura digital e tinha a técnica. Restava saber o que eu queria fazer com isso, como eu

apresentaria para o mundo meu trabalho, não sendo apenas um “olhe o que eu sei fazer”. Era essa a constante sensação que me rondava toda vez que eu sentava na plateia para ver as manobras realizadas no picadeiro. Toda a arte do espetáculo circense para mim sempre pecou em alguma coisa que eu não sabia nomear e me entediava muito fácil. Em resultado disso, pedia para ir embora na metade das apresentações, até que meus pais desistiram de me levar.

Mas havia uma parte que eu amava no circo. Sua chegada. A premissa das apresentações era incrivelmente atraente, e as cores que compreendiam sua entrada. A tenda já era uma coisa linda de se ver. Com as luzes, as apresentações paralelas, o cheiro de pipoca e canela dos quitutes vendidos, as músicas e as roupas coloridas. Eram a promessa de um mundo além da realidade, seguindo para a fantasia que eu só conseguia visitar nos sonhos. 12

Eu queria gostar de circos, só os achava incompletos.

Há aqueles que possam pensar que eu era uma criança inquieta e que não aceitava ficar parada muito tempo assistindo a algo. Eu amava (e ainda amo) filmes. Se meus pais quisessem um descanso de minha infinita vitalidade de criança, bastavam me colocar diante de uma televisão e pronto. Eu me perdia no mundo dos desenhos, atraída por uma coisa que não havia no circo, e, com certeza, não eram os comerciais.

A primeira vez em que vi algo sobre o circo e que me capturou por completo foi uma propaganda de não mais que 10 segundos de Alegria, uma apresentação do Cirque du Soleil que estava no Brasil na época. Olhando para trás, foi um curioso momento de revelação e mágico para mim. Foram em tão breves segundos que vi tudo o que eu desejava, e não sabia, cruzar na minha frente. Era isso, o que eu queria estava feito. Acabei querendo fazer também.

Ainda fora da faculdade, iniciei um circo. Não físico, mas como história escrita, uma de minhas paixões, vista por qualquer um, uma vez que sempre estou com um livro de literatura em mãos. Houve várias versões em que nenhuma foi para frente. Comecei a pesquisar 13 vestuário circense, histórias com circo, contos a se apresentar em um circo. Não foi exatamente fácil. Nos últimos anos consegui um bom acervo de referências, mas eles se devem exatamente a isso: anos. Não é um ramo muito explorado atualmente nas artes. Fiz minha leitura de circo também quando comecei a treinar com a pintura digital, personagens dos quais não me desapeguei e desenvolvo até hoje.

A história se perdeu há bastante tempo, pois sempre me pareceu insuficiente. Sempre que a visitava, não conseguia encaixá-la em um mundo bom o bastante e isso me levou a um marasmo.

Dois anos e meio até eu finalmente conseguir espaço para trabalhar a vontade com o circo na faculdade. Antes disso, deixei apenas alguns

sinais de meus projetos. Certamente ninguém poderá notá-los vendo um ou outro, mais difícil ainda é conseguir reunir todas as pistas que deixei pelo caminho. Sou uma amante de detalhes, de uma linguagem secreta que apenas os iniciados poderão perceber. Sou a favor do “nada de detalhes desnecessários”, embora confesso às vezes fazer uso de detalhes meramente ornamentais. Eu gosto que as coisas tenham sentido, estejam intimamente ligadas e contenham significados com imagens simples.

Isso me levou a gostar de simbologia. Seria presunção minha dizer que sou entendedora do assunto, sou apenas uma amante. Criei um repertório particular que acho divertidíssimo não ter pessoas que o compreendam. É preciso ter uma visão panorâmica para achar as ligações em cada um de meus trabalhos que possa levar a um entendimento, algo que chamo de “Letrados”. Não por saberem ler e escrever, mas por serem iniciados naquela simbologia e só por isso serem identificados. Os detalhes me encantam.

Por isso eu não pude simplesmente criar um circo com palhaços e acrobatas. Eu queria uma simbologia própria, envolvida, de modo que ela por si só contasse uma história. Um desenho e traço evoluído o suficiente em que eu pudesse descartar o recurso das letras para que as imagens narrassem como um bom livro de literatura.

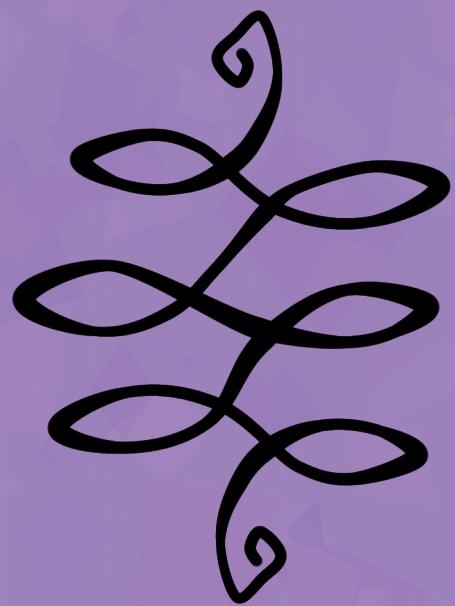
Eu prosseguiria dessa forma, como um livro ilustrado, sem trechos ou falas, narrando uma história que eu contaria.

Eu não sei em que ponto decidi avançar na ousadia e dizer que faria uma história inteira em uma imagem. É como se a ideia estivesse ali o tempo todo e simplesmente se encaixou quando decidi o tema.

Todo esse trabalho de conclusão certamente não é a linha final para meu circo, até porque ele é uma veste para minha real intenção: uma história em uma imagem. Eu tentei escrever essa história tantas vezes que poderia fazer um livro só de circos que pararam no tempo para mim. Não diria “fracassaram”, eles foram versões que evoluíram, passando por um processo de maturação. E eu tenho certeza de que ele ainda pode ter várias versões que me deixem mais satisfeita.

15

É a primeira versão que solto no mundo. Minha insegurança com meu trabalho é maternal, eu não queria deixar que o circo fosse enquanto não tivesse a certeza de que ele estava maduro o suficiente. Pois eu sei que logo ele não estará mais nas minhas mãos para ser moldado, mas sim sob olhares estrangeiros para ser julgado.



A Proposta

Em meio a tantas mentiras, em um mundo tão belo, mas cheio de dor, vivemos a negação, ignorando boa parte das coisas ruins que são feitas para nos preservar. Com humanos, com animais, com ambiente, com nossas leis e líderes. Tive um momento, aos 12 anos, em que me deixei me dar conta da quantidade dos problemas que o mundo tinha, finalmente perceber que vivíamos em um plano maquiado. Foi uma época ruim em que me sentia a pior pessoa do mundo só por viver bem enquanto tudo isso ocorria, porque me concentrava apenas nas pequenas coisas sem ver o plano todo. Foi também 17 a época em que eu comecei a fugir. E desde então, nunca mais parei.

Pois então o levarei comigo em uma grande mentira mascarada, mas não de graça. Não sem lhe fazer exercitar um pouco os olhos, torná-los afiados para captar. E sua mente, eu preciso dela relaxada e imaginativa. Os motivos para sonhar não faltam, o problema é conseguir sair da própria fantasia.

A definição de circo comporta todo tipo de apresentação teatral com o objetivo de entreter um público, montada de modo a poder ser vista de todos os ângulos, como um círculo.

Ao longo da história é possível ver como o circo mudou suas abordagens, tanto em estrutura quanto em elenco e apresentações.

Eu quero um circo.
Não um circo que se está
acostumado a ver, não um
circo que alguma vez será visto. Ele
é feito de papel. Não como o de Calder,
há mais diferenças que semelhanças.
Todas as suas apresentações durarão uma
fração de segundo, mas você poderá visitá-
las sempre que quiser.

Embora eu use o circo, meu principal objetivo
é contar histórias com imagens. O observador
deve parar de procurar qualquer situação lógica
ou localização em tempo e espaço. Eu avanço em
um domínio não aleatório, mas inconstante e mutável
trabalhando com uma imagem que possibilita a quem
olhar criar sua história. Fazíamos tanto isso quando
crianças, imaginando o significado das imagens que
víamos nos livros antes de compreender as palavras
ao lado delas. Perdemos esse exercício, aceitando as
histórias que nos eram passadas, parando de criar.

18

São vinte crônicas retratando a vida do circo, de
seus artistas, espectadores e espetáculos. A leitura é
completamente opcional, uma vez que a intenção é
de que os espetáculos estejam nas imagens, que o
observador possa fazer sua própria interpretação
do conto que se segue. Será o que eu chamo de
Espetáculos de Um Segundo.

Para minha empreitada, tenho como
auxílio a arte digital, a simbologia e o pop
up, todos unidos em um livro. Esse é o meu
circo.

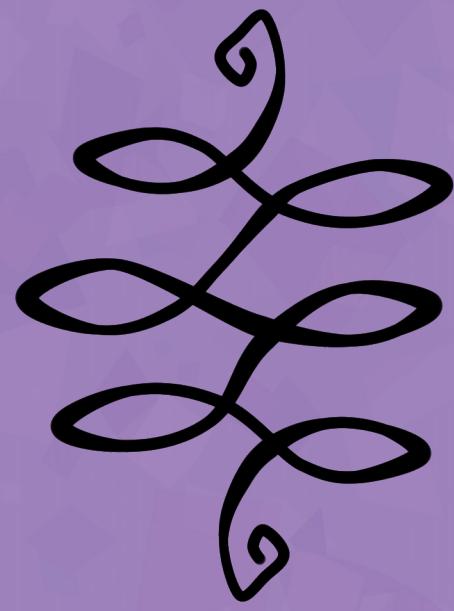
A arte digital é meu ramo,
a pintura digital, o lugar onde
me sinto em casa. Cada
uma das figuras

foi estudada previamente de modo que pareçam do mesmo conjunto e não um amontoado de imagens unidas com um tema semelhante. A simbologia é o caminho para falar de muitos significados usando apenas uma imagem. Mas com meu circo não faço apenas uso de imagens, mas de gestos, posições e cores.

O livro foi uma escolha a partir de um ritual que eu faço, assim como muitos leitores: aproveitar o livro. Analisamos a capa, seu interior, as folhas, a textura. O ato de virar a página, principalmente de um livro de ilustrações encontrando a conexão de uma página para a outra e pulando de um conto a outro. O pop up veio para enriquecer essa experiência, e coube muito bem com a temática do circo.

19

Da experiência, quero que fiquem as sensações. Olfativas, paladares, tátteis e visuais. Uma curíssima experiência de tudo que o circo oferece, apresentando esse, criado por mim, o onírico e majestoso circo Vux Tarly.



A Fuga da Realidade

Houve um espaço de tempo entre minha adolescência e minha atual idade em que eu imaginava ter uma mente mais madura. De fato, não era a mesma mentalidade, mas percebo que fiquei apenas chata. Querer férias para dormir ou comer pizza, ver filmes até tarde, sair para conhecer a cidade. Não menosprezando tais atividades, mas quando essas aspirações ficaram tão corriqueiras?

Digo isso pois um circo chegou à minha cidade enquanto minha mãe levava eu e minha prima de seis anos para o shopping. Ela comentou com tanta animação da felicidade que seria quando pudesse ir ao circo. E, o caminho inteiro na direção do cinema, ela falava de suas férias com brinquedos e coisas coloridas e comentava sobre doces e sonhos e brincadeiras.

Antes havia sonhos de férias sem fim, onde haveria brincadeiras do nascer ao pôr do sol e não existiria horário para a cama. Um mundo sem medos, apenas desejos e felicidade à espera, despontando em tons coloridos e festivos junto de doces cheiros e sons.

Quando criança eu tinha uma perspectiva de eternidade. Tudo duraria tempo o suficiente para eu fazer o que quiser quando quiser.

Viveríamos anos e anos, sem jamais morrer, apenas crescer mais, até sermos capazes de tocar o céu ao esticar uma mão. A vida de fantasia que a maioria das

crianças enxergam
desatrelada das correntes
da realidade é inspiradora.

Tanto em minhas ilustrações quanto na vestimenta, nos detalhes, nos motivos que eu criei para mim mesma enquanto fazia o Circo, busquei a desenfreada imaginação infantil. Mas não posso categorizar minha obra como para o público infantil. Fiz uso da imaginação, mas, ao dissecar, posso mostrar valores sentidos por adultos que não ouso entregar aqui, apenas deixar que encontrem em meus traços.

O que posso dizer, no entanto, é que tudo se trata de negação. O Vux Tarly é uma ferramenta para jovens e adultos perderem-se dos problemas existentes da realidade, como a própria passagem do tempo. No Circo, nenhum membro do elenco envelhecerá se assim escolher. Qualquer problema como doença, dor, limitações, corrupção, traição, pobreza e mentiras não ultrapassam a barreira de diversão e imersão do circo.²²

Exatamente aquele mesmo efeito que temos ao entrar no cinema e desligar o celular. A isolamento momentânea para apreciar. Somente apreciar.

A Literatura e a Fantasia

Dentre as várias categorias de artistas, dos sarcásticos, dos políticos, ativistas, músicos, poetas, todas as facetas, eu sou a que busca qualquer fuga da realidade. Sou uma forte negadora que quer escapar pelo mundo da fantasia e jamais direi o contrário.

Uma característica de meus trabalhos apontada por toda a minha trajetória acadêmica foi a narrativa. Nunca neguei, embora tenha levado bastante tempo para eu mesma enxergar. Isso se deve aos personagens que eu criava, os quais eu chamava apenas de desenho. Era automático pensar no que aquela figura 23 estaria fazendo, para onde estaria olhando, para onde iria depois dali.

Isso vem muito antes da graduação. Começou quando eu li meu primeiro livro da primeira biblioteca que visitei, na minha primeira escola do fundamental. Foi O Gato de Botas, um livro com poucas ilustrações e mais palavras que eu já havia me desafiado a ler.

Infelizmente não posso dar os créditos, faz 15 anos desde aquela vez e desconheço a versão ou nome do ilustrador. Pouco lembro da história também, exceto pelo seu final e graças à ilustração. No fim, o Gato de Botas se finge de morto e o rei, seu amigo, lhe deu um enterro digno, com um caixão e uma boa sepultura. Eu não lembro o motivo de O Gato fazer isso, mas sei que ele esperava fugir. As palavras finais

do livro, dizendo que
O Gato não era capaz de
sair, junto com a ilustração
de uma carruagem levando um
grande e pesado caixão pela estrada,
me deixaram uma sensação tão ruim que
me marcou o suficiente para eu começar a
evitar o livro.

Eu era facilmente impressionável, mas não
esqueci o poder daquela imagem. Eu pensei numa
vida inteira trancada em um lugar escuro, sem
saber quando o tempo estava passando, morrendo
de fome, sede, perdendo as unhas depois de tanto
arranhar procurando um lugar para fugir. Tudo isso em
uma imagem, uma ilustração contando como seria o
breve resto de vida que O Gato de Botas teria.

Após isso, claro que minhas leituras ficaram mais 24
vastas, com menos imagens, cheias de descrições. Eu
gosto de ver o que os autores imaginaram. Descobri isso
com Tolkien, depois de tantos avisos de que era uma
leitura complicada. Longe de achar complicada, achei
fantástica.

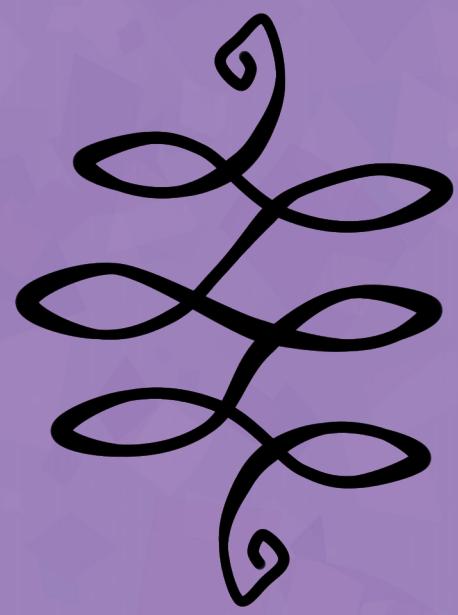
Acredito que todo bom leitor, em algum momento
da sua vida, tenta escrever alguma coisa. Nem que
seja um livro de memórias, um diário, um caderno
de anotações do que vê pelo mundo ou de frases
e poemas que lhe surgem à mente. Eu fiz isso
também, incontáveis vezes, muitos arquivos
de histórias finalizadas ou não no meu
computador, cadernos preenchidos com
minhas letras miúdas, folhas avulsas e
até o verso de textos copiados que
precisava ler.

Quando eu percebi,
fazia isso também com
meus rabiscos. Eu desenhava
alguém que eu imaginava ser de
algum mundo fazendo alguma coisa.
Minhas ilustrações sempre seguiram
esse rumo, o de contar uma história.

Não é de se admirar que eu tenha me
atraído para o mundo da arte graças a uma
capa de um livro. A lindíssima ilustração de Marc
Simonetti do livro *O Nome do Vento* e de todos da
saga *Crônicas de Gelo e Fogo*. São imagens em
que é quase possível ver a sinopse do livro. Eu duvido
de que alguém não se encante observando qualquer
uma dessas capas, não veja a potência e a beleza,
a habilidade que ele tem em narrar uma ideia de um
mundo tão vasto e complexo em uma imagem.

25

Sabe aquela parte sua que sempre pensa no que
a imagem da manchete quer dizer antes de lê-la? Eu
quero dançar com ela.



O Poder dos Detalhes

A primeira vez que me falaram algo como “uma imagem contando uma história” foi quando fui apresentada ao fotógrafo Gregory Crewdson. Imagine minha surpresa com a minha dificuldade em encontrar seu nome posteriormente porque nenhum dos meus contatos conhecia seu trabalho. E ele é fantástico, são fotos que carregam a sensação de um filme com toda uma história por trás. Os cenários que ele monta são cinematográficos, os atores com expressões claras, a ambientação riquíssima. Claro, se tornou uma de minhas inspirações.

27 Posteriormente, vi algo semelhante vindo da renascença. Nos quadros e afrescos, nenhum detalhe estava lá por mero acaso. Ele possivelmente foi encomendado para apontar alguma coisa, representa alguma coisa que pode não ser clara sem saber seu significado, como a foice de Cronos, ou um símbolo de um brasão das grandes famílias.

Meu conto preferido entre os quadros da Renascença está com Venere e Marte, de Botticelli. A cena em que o maior dos guerreiros calmamente se recolhe, com tranquilidade e harmonia, indefeso até para o menor dos males, totalmente rendido sob o poder do amor que placidamente o encara.

Vejo a riqueza nos detalhes das coisas. Mesmo que seja um simples círculo com outros círculos dentro,

o detalhe de que o espectador dê um passo para o lado e continue encarando a escultura, assim o ponto de vista transforma os círculos em elipses. Transmite uma ideia: acreditava-se que era uma trajetória circular, descobriu-se que era elíptica. Essas chamadas espertas, essas ideias ali, intrínsecas, escondidas, subliminares. Ainda estou em processo para criar algo de tamanha proporção.

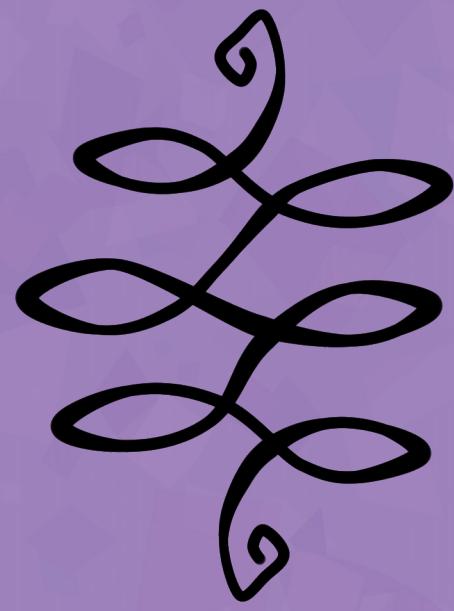
Por menores não são tão menores. Uma história que se preze parece maior do que realmente é pelo cuidado com que trata as coisas que achamos insignificantes.

Por exemplo, os coadjuvantes. Eles estão lá muitas vezes para auxiliar o protagonista. A vida deles pouco importa se seu foco de interesse se limitasse no objetivo do protagonista. Esse seria um mundo pequeno. Agora aquela história que dá atenção para certos trejeitos de cada coadjuvante, suas personalidades, suas possíveis moradias, algo em sua característica física ou psicológica. Esses simples detalhes fazem o leitor se perguntar o porque de ser assim, porque escolhe aquelas coisas, porque está falando ou não com o protagonista.

Comecei a ver o lado humano que poucos viam nos coadjuvantes nos meus primeiros livros juvenis. Comumente, os secundários eram os meus favoritos. Meu interesse pelas diferentes personalidades e histórias de estranhos foi alavancado quando fui apresentada ao projeto Humans of New York, do fotógrafo Brandon Stanton. Fotos acompanhadas

de trechos dos
pensamentos falados
daquelas pessoas, coisas tão
aleatórias em que há uma epifania
de que aqueles estranhos são pessoas
comuns com ideias e vidas próprias. É
como se uma multidão cinza de repente
ganhasse cor, vida e propósito.

Mais do que dar sentido a coisas, dou
sentido a pessoas. As que eu conheço ou deixei
de conhecer. Aquelas que apenas vi e me fizeram
pensar o que estavam fazendo ali. Sabe? Dar
humanidade.



O Vux Tarly

Começou com o Mágico. Eu não tinha mais nada, nem nome, nem tema, nem itinerário do circo, ou nem sequer localização. O primeiro ser que eu criei foi um mágico. Um bem clássico, de cartola e fraque de cauda pontuda. Ele também foi o primeiro a ter personalidade, uma história (muito complexa), uma função e uma apresentação.

Vejo mágicos como manipuladores ardilosos dos shows. Eles estão lá para fazer o público pensar coisas que não são, e os fazem acreditar que eles podem fazer coisas que, na verdade, não conseguem. Mas divertem, iludem, desvirtuam da realidade e levam para 31 um mundo de fantasia, exatamente como eu costumo fazer comigo mesma, me colocando a ler livros. Em retrospectiva, eu até poderia dizer que o Mágico nasceu de um desejo meu, subconsciente, de poder moldar a realidade, ou que eu mesma fosse a mágica e tornasse o meu mundo uma ilusão. Não digo agora, porque o personagem cresceu demais de lá para cá. E, como tudo o que cresce ganha vida própria, uma personalidade individual e seus interesses únicos. Acho que há algo de cada sonhador em meu Mágico.

O nome e a motivação do circo vieram em seguida. Uma exigência minha desde sua criação é que não fosse um circo comum. Não, já existem vários circos bem reais. Eu quero um em que se perguntam onde a autora estava com a cabeça ao criá-lo. Nem passa pela minha

cabeça fazer
qualquer coisa. Mas
eu realmente sempre procurei
algo reciclado do mundo
comum, como um trem que sobe
trilhos para as nuvens e micro cidades
habitando as linhas internas de uma
bola de beisebol. Dessa forma, muitos dos
lugares que uso na obra remetem à certa
realidade que eu reformulo para o mundo do
Vux Tarly, onde sua imaginação é o limite.

O Circo não remete a nenhuma religião existente, mas gosto de pensar em divindades como os yokais do Japão. São tantos deuses criados que eles mal podem catalogar, e os menores se perdem com o passar do tempo. Cada membro do elenco pode ter uma peculiaridade que poderia categorizá-lo como divindade. Não me limitei ao criá-los, algumas vezes misturei não só características e funções do circo, mas suas habilidades, a história que os levou até ali a que mantém ali. São senhores das luzes, das sombras e do tempo.

32

O circo, como já dito, não tem um local fixo, muito menos espetáculos iguais. Como pode ser visto a cada imagem, *Vux Tarly* possui distintos palcos, nos mais variados locais, com interações diferentes entre si, no máximo com semelhanças. Circo já é um local em que se pensa em muitas cores e movimentos diferentes, aquela variedade artística. *Vux Tarly* amplia isso, não apenas em tendas, mas para planos, indo de florestas, salas, o vão entre dois prédios até o próprio céu.

Convenhamos, quando bem exercitada, onde existiria um limite para a imaginação?

Conclusão

E como gran finale, eu tenho minhas declarações a fazer. Essa é uma obra que ronda a negação. O ato de olhar as imagens e imaginar suas histórias, criar um contexto para os espetáculos é uma forma de abrir a válvula de escape do mundo real. Quem não gosta de abrir uma caixa de tesouros, contendo uma sorte de coisas belas e estranhas, tirando um tempo apenas para navegar em pensamentos?

Eu fiz meu circo à minha forma, com uma estrutura que imediatamente remete a todas as minhas ideias. Dentro de uma caixa. E dentro de sua mente. Eu amei 33 criar cada elemento do circo. O amo ao ponto de ter um ciúme indomável. Mas mais divertido do que fazer, é agora imaginar as histórias criadas a partir de cada uma das imagens, de cada um dos personagens, por você, que viu e leu tudo isso. Que visitou as entranhas da imaginação de outra pessoa para formular a própria. O registro disso seria maravilhoso. Talvez em outro projeto, quem sabe.

Eu também espero que o embrulho que pedi para não ser aberto de fato não tenha sido. Claro, ele está lá para ser desvendado, mas não é o que trato aqui, no Vux Tarly. Caso já tenha aberto, sabe o porque. Caso ainda não, é a história do meu Circo. Sua origem, sua motivação. Não é bonita, não é inspiradora, nada presente lá lhe deixará mais contente.

Provavelmente
se pergunta o porque de eu
ter deixado mesmo que eu não
queira que seja lido.

Certamente se lembra do que eu
disse sobre detalhes e profundidade da
história. Trabalhei esses detalhe do meu circo,
mas, como o Mágico, manipulei ao mostrar
para vocês. Mostrei apenas o bonito e elegante,
que eu quero que seja visto de modo a lhe entreter
com a imaginação. Eu quero trabalhar com a parte
bonita da negação.

Mas, como na vida, não é fugindo dos problemas
que os faremos desaparecer. Não é porque não
quero olhar que a pobreza ou as doenças que elas
desaparecerão. Não é porque foi esquecido que será
como se nunca tivesse acontecido. Por mais que eu
negue a vida real e suas dores, em algum momento eu
tenho que encará-la e viver. Minha vida é linda, boa e
cheia das coisas que preciso e até em excesso. Mas
já disse que dói saber que não é assim com outras
pessoas. Dói ver um mundo cheio de problemas.

Vux Tarly também tem esse seu lado. Não
mostro, mas também não excluo. Se quiser ver, fique
a vontade. Verá seu passado, a história de seus
artistas, suas razões e seus métodos.

Mas uma coisa que peço é que não tome
nada daquilo como a verdadeira história, ou
o verdadeiro espetáculo, ou as verdadeiras
personalidades de cada um. Circos lhe
levam a alegria, não seus próprios
problemas para entreter. Não o
Vux Tarly. Ele foi feito para
atiçar a sua imaginação

e lhe levar para além
de suas próprias fronteiras
na criação de histórias.

Espero que tenha sido uma boa
fuga. Que seja em qualquer momento
que for visitar o circo. Que, mesmo que
os tempos estejam duros, você tenha um
momento para escapar para um mundo melhor
e navegar em terras nunca antes visitadas.





